

Estrangeiros e visionários: Richard Morse, Alex de Tocqueville e os Estados Unidos¹

Beatriz Helena Domingues*

Resumo

Este artigo se propõe a mostrar a presença dos Estados Unidos, de forma explícita ou implícita, na obra do historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001), embora o autor não tenha escrito nenhum ensaio especificamente sobre o seu país. Nesse aspecto e em muitos outros, a abordagem da América Latina por Morse assemelha-se à do pensador francês Alexis de Tocqueville sobre os Estados Unidos em meados do século XIX, que foi um referencial importante nas interpretações comparativas de Morse entre a cultura política e a urbana da América Latina e nos Estados Unidos. Se o olhar de Morse sobre a América Latina, como o de Tocqueville sobre os Estados Unidos, era de fascínio por um mundo que oferecia algo que o seu próprio já perdera, nenhum dos dois o fez de forma acrítica. Ambos estavam interessados em compreender e, com isso, quem sabe, abrir os olhos de alguns conterrâneos para outras possibilidades civilizacionais.

Palavras-chave

Richard Morse. Alex de Tocqueville. Estados Unidos.

Abstract

This article aims to show the presence of the United States, explicitly or implicitly, in the work of the North-American historian Richard Morse (1922-2001), although the author did not write any essay specifically about his country. In this regard and in many others, Morse's approach to Latin America resembles that of the French thinker, Alexis de Tocqueville, to the United States in the middle of the XIX century, which was an important benchmark in Morse's comparative interpretations between political and urban culture of Latin America and the United States. While Morse's views on Latin America and Tocqueville's on the United States shared a fascination with a world that offered something that their own had lost, neither one of them did so uncritically. Both were

* Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil), Professora Associada IV do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora/Brasil) e pesquisadora visitante da Georgetown University (EUA). E-mail: biahdomingues@gmail.com.

¹ Deixo expresso meu agradecimento ao CNPq/CAPES pelo financiamento de pesquisa de pós-doutorado em andamento, ao CNPq pela bolsa de pós-doutorado no exterior, ao Departamento de História da UFJF pelo afastamento que me propicia desenvolver esta pesquisa e a Helena Bomeny, pelo convite para escrever para a revista.

interested in understanding and thus, perhaps, opening the eyes of some countrymen to other civilizational possibilities.

Key words

Richard Morse. Alex de Tocqueville. USA History.

Em 1988, quando da publicação de *O espelho de Próspero* no Brasil, Richard Morse (1922-2001) concedeu uma entrevista, relativamente desconhecida entre os textos produzidos na polêmica gerada pelo ensaio, a Carlos Eduardo Lins e Silva, com a participação de Matthew Shirts. Uma pergunta de Shirts me pareceu particularmente instigante: se Morse não teria escrito o seu *O espelho* de trás para a frente. Isso porque lhe parecia que “o ensaio começa com a filosofia mais alta e termina com uma relação das coisas que o autor não gosta na sociedade americana”².

O americano intranquilo respondeu à indagação de Shirts, como de costume, de forma vaga: “Pode ser, porque os níveis da consciência e da subconsciência trabalham juntos aqui...”. Mas logo a seguir frisou que as partes I e II (a “Pré-história do Novo Mundo” e a “História do Novo Mundo”) eram fundamentais para compreender, mais do que simplesmente explicar, como sociedades que não eram muito diferentes durante a Idade Média, exceto pelas línguas, se tornaram tão distintas nos séculos XVI e XVII e deram origem a culturas bem diversas no Novo Mundo.

Sua “tese” era de que, se um americano que mergulhasse numa sociedade latino-americana logo perceberia que, apesar de às vezes o governo ser absolutista, sempre há mais relaxamento nas relações interpessoais. Não sei se necessariamente todo americano, ou sequer muitos deles, mas esse era certamente o caso de Morse, para quem:

A sociedade americana [EUA] é como uma espécie de caricatura da sociedade europeia porque a Inglaterra pelo menos ainda tem as solenidades, as cerimônias, as tradições e a lógica que vêm de uma longa história, que tem suas origens na Idade Média, enquanto na América nós passamos uma espécie de versão reduzida da experiência inglesa a todos os imigrantes que vieram depois – os irlandeses, os italianos, os poloneses, os chicanos e assim por diante – gente que não

² Entrevista de Morse com Carlos Eduardo Lins e Silva (com participação de Matthew Shirts). FSP 05/03/1988 (MORSE, 1988).

tinha as mesmas raízes dos ingleses. [Entrevista de Morse com Carlos Eduardo Lins e Silva, (com participação de Matthew Shirts) FSP 05/03/1988].

Considero muito pertinentes a colocação de Shirts e a resposta de Morse, que de certa forma inspiram algumas das reflexões deste texto³. Na parte final de *O espelho de Próspero* – sintomaticamente intitulada “As sombras do porvir” – Morse talvez tenha se exposto mais do que em qualquer outro escrito anterior ou posterior. Há um tanto de catarse, de enunciação de ideias em forma de associações livres, no sentido freudiano. E é precisamente nela que o autor aborda mais incisivamente, e negativamente, os Estados Unidos. Ao convidar Próspero (os Estados Unidos) a se sentar no divã e/ou a se mirar no espelho e perceber, através da exposição à América Latina, suas próprias deficiências, Morse, conscientemente ou não, dava vazão a uma jorrada de pensamentos e sentimentos nada positivos sobre a história e a cultura de seu país. Porém, como na situação analítica, eram afirmativas providas de profundidade e significado. No caso em questão, também de muita erudição e audácia intelectual.

Da resposta de Morse a Shirts gostaria de salientar dois aspectos que, de fato, marcam praticamente tudo o que escreveu ou verbalizou nas poucas entrevistas publicadas e as muitas conversas que ficaram apenas na memória dos que tiveram o privilégio de conhecê-lo: o recurso à longa duração e à comparação entre culturas. Morse explicou que, se não recuasse bastante no tempo, para trás e para a frente, seria difícil dar uma resposta que fosse ao âmago da questão. Disse ainda que, se a opção pelo longo prazo era opcional, o procedimento comparativo, tanto entre as duas Américas quanto entre suas culturas maternas no continente europeu, era não apenas desejável como praticamente inevitável quando se tratava de alguém, como ele, investigando uma cultura diferente da sua, em uma situação de espectador externo.

No entanto, conforme veremos, a condição de estar tão longe e ao mesmo tempo tão perto marcou não somente as reflexões de Morse sobre a América Latina como também sobre os Estados Unidos. Este é meu objeto neste ensaio: a atitude de Morse como observador da história e da cultura norte-americanas enquanto interpretava os mesmos aspectos na América Latina. Meu ponto de

³ Os títulos das três partes em que divide a obra são: *A pré-história do Novo Mundo*, *A História do Novo mundo* e *As sombras do porvir*. Em 2011 e 2012, tive uma “confirmação” disso quando meus alunos do Grupo de Estudos Ibéricos na universidade leram *O espelho*. Ao discutirmos a parte III, veio à tona um comentário na mesma linha da sugestão de Shirts: que essa parte era mais fácil de entender e, portanto, de se identificar, do que com o início do ensaio, considerado difícil, muitas vezes, incompreensível.

partida é *O espelho*, passando então para algumas obras que o precederam algumas décadas, ainda pouco conhecidas do público brasileiro. Os aspectos salientados de *O espelho* têm a função metodológica de mostrar como Morse analisava, comparativamente, as observações e/ou análises de autores estrangeiros que escreveram sobre os Estados Unidos com aquelas que os mesmos fizeram sobre a América Latina.

No que se refere à América hispânica e ao Brasil parece-me já amplamente reconhecido que Morse conseguiu em grande medida o objetivo de aproximar-se de seu objeto de estudo e de escrever ensaios muito elucidativos e instigantes, sem jamais perder a capacidade de julgamento crítico. Seria, então, oportuno aferir se essa façanha seria extensiva aos seus comentários e interpretações sobre os Estados Unidos. Este ensaio tenta responder a essa indagação através da análise de *insights* mais ou menos aprofundados pelo autor em ensaios da juventude e da maturidade, nos quais seu país aparece como um contraponto para entender melhor o seu objeto, ou seja, a América Latina.

Pretendo mostrar que, embora Morse não tenha escrito nenhum ensaio especificamente sobre os Estados Unidos, seu país está presente, de forma explícita ou implícita – como a França está no de Tocqueville sobre os Estados Unidos, ou a Rússia nos de Dostoiévski sobre a Europa ocidental – em ensaios produzidos em diferentes estágios de sua carreira (TOCQUEVILLE, 1979; DOSTOIÉVSKI, 2008). Utilizarei aqui exemplos da juventude, em ordem cronológica, a fim de historiar as continuidades e evoluções na forma de tratamento de seu país entre as décadas de 1950 e 1980.

Começo pela referida parte III de *O espelho de Próspero*, não apenas por ser a mais contundente e conhecida entre nós, mas porque aí o autor faz referências que nos auxiliam a proceder a uma genealogia de suas interpretações sobre os Estados Unidos. Em vez de realçar os trechos nos quais Morse extravasa sua desilusão com os rumos da modernidade nos Estados Unidos, concentro-me naqueles em que refletiu, metodologicamente, sobre a abordagem da longa duração, especialmente quando assume a forma comparativa. No caso em questão, entre análises europeias das Américas do Norte e do Sul. Tendo isso em mente, expressou aí sua profunda admiração pelos trabalhos de Max Weber, Alex de Tocqueville e de Johan Huizinga sobre os Estados Unidos: o primeiro foi um alemão, o segundo, um francês e o terceiro, um holandês, que – no século XIX, os dois primeiros, e no século XX, o terceiro – teriam fornecido, em seu entender, talvez as melhores análises dos Estados Unidos, precisamente porque dotados do “olhar estrangeiro” (TOCQUEVILLE, 1979; HUIZINGA, 1972; WEBER, 1978).

Nas muitas conversas que tive com Morse como meu orientador e amigo, frequentemente afirmava que gostaria de ser para o Brasil e a América Latina uma espécie de Tocqueville. Cada vez me convenço mais de que Morse conseguiu se tornar algo parecido para nós, ibero-americanos, não só por ser “estrangeiro” à nossa cultura, mas por ter mantido uma relação de estranhamento também com a sua própria, como fizera Tocqueville.

Porém, Morse alertava – talvez fosse um mecanismo de defesa? – que seu desafio era ainda mais complexo que o enfrentado pelo francês ou pelo alemão para entender os Estados Unidos: pois se tratava de analisar e compreender o mundo ibero-americano. Parecia-lhe que intelectos penetrantes como os de Huizinga e Tocqueville foram capazes de captar a situação anglo-americana após uma breve visita. Já mentes às quais não se poderia atribuir menor calibre, como as de Humboldt ou Saint-Hilaire, “só conseguiram oferecer vislumbres fortuitos da condição ibero-americana, mesmo tendo feito viagens mais prolongadas” (MORSE, 1988:157).

Escritos de outros europeus que visitaram as duas regiões confirmariam este ponto: *The American Commonwealth* (A sociedade civil americana), do visconde James Bryce (1838-1922), de 1888, permanece sendo um clássico, enquanto o seu *South America, Observations and Impressions* (América do Sul, observações e impressões), de 1912, não tem maior importância (BRYCE, *The American Commonwealth*, 1897 e *South America; observations and impressions* 1912 *apud* MORSE, 1988:158). Muito admirado por Morse, David Herbert Lawrence (1885-1930) forneceu ousadas interpretações dos Estados Unidos em *Classics Studies in American Literature* (Estudos clássicos sobre a literatura norte-americana), de 1923, ao passo que o seu *The Plumed Serpent* (A serpente emplumada), de 1926, sobre o México, não passaria de uma “pré-fabricada mitopoiesis”⁴. Um último exemplo seria o alemão Hermann Graf Keyserling (1880-1946), cujo *America Set Free* (América libertada) teria feito uma penetrante psicanálise dos Estados Unidos, embora o autor se desculpe por ter ficado muito tempo (quatro meses!) colhendo impressões da região (KEYSERLING, 1929 *apud* MORSE, 1988:158). Contudo, o mesmo Keyserling não foi capaz de repetir a façanha ao escrever sobre a América Latina:

Sua viagem ao sul, em troca, parece tê-lo atirado de encontro às cordas ontológicas, como indica claramente o título de seu

⁴ Refere-se à criação ou procedência dos mitos (LAWRENCE, *Classic Studies in American Literature*, 1923 e *The Plumed Serpent*, 1926 *apud* MORSE, 1988:158).

livro – *South American Meditations on Hell and Heaven in the Soul of Man* (Meditações sul-americanas sobre o céu e o inferno na alma humana), de 1923; em vez de um estudo desapassionado do caráter nacional, somos confrontados com o espetáculo de um autor em luta por sua própria identidade no planalto frio dos Andes, onde ele sente que a “mineralidade” invade sua consciência (MORSE, 1988:158).

Embora Huizinga não tenha escrito sobre a América do Sul, Morse faz seu próprio prognóstico da região em termos enunciados por ele.

A recusa de capitular de vez aos cânones científicos e a manutenção de uma capacidade escolástica para a hipótese emprestam a esse empreendimento especulativo uma aura de amplitude e evocatividade. Mais do que insistir na sobrevivência do ficcionalismo e do probabilismo em seu uso técnico, poderíamos falar de um contínuo gosto ibero-americano pelas “formas lúdicas em filosofia”, que Huizinga considerava fundamentais para a realização do Ocidente (MORSE, 1988:152).

Embora o historiador holandês considerasse que esse espírito lúdico, agonístico e mimético havia azedado e se convertido, no século XX, em uma mescla de adolescência e barbárie, a ponto de ser mais apropriado chamá-lo de puerilismo que de elemento lúdico, Morse era mais otimista. Entendia que esse prognóstico pessimista e nostálgico de Huizinga em *Homo Ludens* (1950) era apropriado para a Anglo-América, onde “os ensaios sem notas de rodapé ou as reflexões labirínticas de um pensador são relegados ao reino da anedota pelas universidades, como se o mero empilhamento de pedras tivesse mais importância que a catedral” (MORSE, 1988:152). Mas não para o Equador ou o Brasil, onde ainda seria possível uma tese sobre o Monte Saint Michel e Chartres. A situação de “vazio intelectual” no novo Ocidente (Europa ocidental e Estados Unidos) já havia sido identificada por Horkheimer, da Escola de Frankfurt:

Quanto menos chances oferecer a situação histórica de que as grandes obras efetivamente influenciem a ação humana, menores são os obstáculos para sua publicação; quanto maior o empenho dos estudiosos em escrever, menos significativo é o efeito de suas obras (HORKHEIMER, *Critic of Instrumental Reasons*, 1974:13 *apud* MORSE, 1988:153)⁵.

⁵ Relendo o livro 25 anos após sua publicação, ocorre-me que, se Morse estivesse escrevendo no século XXI, talvez repensasse essa formulação, ao observar, por exemplo, a emergência no mundo acadêmico brasileiro do *Homo Lattes*, e desse razão a Huizinga.

Tendo a concordar com Morse que a tarefa de compreender o mundo hierárquico e orgânico da católica América ibérica possa ser mais árdua e complexa do que o mundo supostamente atomista e pluralista do protestantismo anglo-saxão. Ao mesmo tempo, talvez precisamente por ser “supostamente atomista e pluralista” e não de fato, tampouco os Estados Unidos eram ou são para iniciantes. É o que ele mesmo mostra ao comentar sobre personagens e/ou intérpretes da história norte-americanos pouco conhecidos no Norte ou no Sul, mas que já atentavam para as contradições contidas no credo liberal ou na noção de excepcionalismo.

Os comentários de Morse sobre a história e/ou cultura política dos Estados Unidos, apesar de curtos, descortinam para nós, como os referentes ao caso latino-americano, *insights* ousados e instigantes que nos levam a descobrir personagens e autores da América do Norte não mencionados ou subestimados pela historiografia de seu país, e pela do nosso. Porém, principalmente, essas observações nos permitem aprofundar na psicologia e na mente de Morse e, então, entender melhor seu fascínio pela nossa cultura e suas reservas quanto à sua. Sua admiração pelo ideal de comunidade no mundo ibérico, por exemplo, estava intrinsecamente relacionada à sua interpretação – mesmo que expressa apenas em fragmentos espalhados por diferentes textos –, sobre a história, a cultura e a psicologia da Anglo-América. Esse recurso comparativo, associado à perspectiva de longa duração, começou na tese de doutorado sobre a formação histórica da cidade de São Paulo, deu o tom dos ensaios predominantemente sobre cidades nas décadas de 1950 a 1970 e atingiu o auge em *O espelho de Próspero* e nos ensaios incluídos em *A volta de McLuhanaíma*⁶.

Dentre esses textos priorizo os do período intermediário de seu itinerário (1950-1970), realçando autores, atores e/ou períodos da história norte-americana com os quais Morse se identificou ou não, e em que medida. Destaco e analiso a reconhecida influência do historiador e jurista francês Alex de Tocqueville sobre Morse, mas um Tocqueville assimilado e digerido de forma singular, alternativa à interpretação corrente de seu pensamento na academia norte-americana.

O francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) tendia a valorizar a longa duração e a enfatizar as continuidades, no caso mais conhecido, as semelhanças entre o Antigo Regime e a Revolução, em detrimento das supostas mudanças radicais (ou rupturas). Tinha uma noção teleológica de história: a democracia

⁶ A tese de doutorado, finalizada em 1949, foi publicada em português em 1954 e em inglês somente em 1958. Teve uma reedição em nossa língua em 1970 (Ver MORSE, 1954a; 1958; 1970a; 1990a).

lhe parecia como uma onda que avançava de forma universal e irrefreável desde muitos séculos. Nesse longo percurso, os Estados Unidos aparecem como aqueles que estavam conseguindo mais bem se adaptar a ela, em grande parte por ser um país recém-nascido, perto de suas “origens”, em contraposição à velha e inflexível França. Com isso em mente, produziu talvez uma das melhores análises da história dos Estados Unidos abordando aspectos políticos e sociológicos acompanhados de prognósticos sobre seus cenários futuros.

Segundo Rubem Barboza Filho, “o jurista francês é o grande sujeito oculto de Morse” (BARBOZA FILHO, 2010:225). Eu diria que não é tão oculto assim, pois as referências do historiador norte-americano ao jurista francês praticamente o seguem durante toda a sua carreira e parecem também em *O espelho*⁷. Mas concordo integralmente com ele que Morse fazia uma leitura muito peculiar, ou alternativa, de Tocqueville, dissonante da predominante nos círculos acadêmicos norte-americanos, de um Tocqueville a reforçar a noção de povo escolhido.

Como o de Tocqueville, o olhar “externo” de Morse sobre a América Latina e o Brasil ia muito além do simplesmente estrangeiro, facilmente confundível com narrativas de viagem ou relatos de excentricidades e exotismos. Tocqueville tinha uma concepção de história na qual atuava como observador, fosse o objeto de análise o seu próprio país (França), a Alemanha, a Inglaterra ou os Estados Unidos, pois os percebia todos como inseridos em um processo providencial, universal e irreversível de crescimento da igualdade no Ocidente. E seu ponto de vista seria externo à história particular de vários países porque o que ele fazia era refletir sobre a situação de cada um deles diante desse movimento “irreversível e divino”, comparando como cada um deles precipitava o sentido geral da história. Alguns desses modos poderiam acelerar ou evitar o risco terrível da possibilidade do “despotismo” das massas, ou de a igualdade matar a liberdade. Daí a necessidade de aprendizagem com as experiências que mais bem conseguissem enfrentar esse destino ou fatalidade.

Morse concordaria com a premissa sobre o observador externo, mas não com sua justificativa. Pois não via a história como um jogo do geral e do particular expresso pela tensão entre a dinâmica irreversível da igualdade e os seus modos concretos de realização. A história estava mais para uma aventura cujo desenlace dependeria

⁷ Dentre eles destaque: “São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation” (1954); “Toward a Theory of Spanish American Government” (1954); “Some Characteristics of Latin American Urban History” (1962); “The Anthropologist as Policy Consultant” (1963) e “A Prolegomenon to Latin American Urban History” (1972). Esses cinco ensaios estão sendo traduzidos para o português e serão incluídos no primeiro volume de escritos inéditos de Morse no Brasil por mim coordenado a ser publicado pela Editora da UFMG em 2013.

de opções mais ou menos conscientes de seus atores do que para qualquer tipo de processo teleológico. Não abraçava qualquer filosofia da história. Porém, ainda que sem pressupor qualquer embate mais ou menos acirrado entre necessidade e liberdade, Morse certamente manteve a preocupação do historiador francês e de outros pensadores dos séculos XIX e XX com os rumos da homogeneização, da “ditadura” da maioria e com a perda do sentimento de comunidade. Sabia que estava em um momento histórico muito diferente do de seu mestre francês.

Tocqueville ficou fascinado pelo quase contato com as “origens” quando viajou e escreveu sobre os Estados Unidos, sentindo-se privilegiado por estar como se presenciando o surgimento de uma nação, uma situação totalmente impossível na velha Europa (CARPEAUX, 1943). Ao estudar o período colonial da perspectiva da segunda metade do século XX, Morse acentuou o contraste entre a velha Europa e a recém-descoberta América no que se refere às inovações em termos de urbanização oferecidas pela Renascença acenando para um raciocínio semelhante. Segundo ele, enquanto na Europa as cidades podiam apenas ser remodeladas no período da Renascença, e foram poucas as novas cidades então construídas, a América abria-se para as mais amplas possibilidades nesse campo. Aqui os arquitetos da Europa puderam projetar e planejar cidades como símbolos do império em regiões longínquas. Em muitos casos, predominou o design geométrico já abordado por Sérgio Buarque de Holanda (1936) e posteriormente tratado por Ángel Rama (1980)⁸. De certa forma, as alternativas disponíveis para “escolher” dentre um ou outro modelo urbanístico pareciam oferecer uma gama de possibilidades que se aproximariam das “origens”, no sentido de algo construído de forma consciente a partir das disponibilidades e opções feitas pelas metrópoles europeias em suas áreas transatlânticas.

Os Estados Unidos e Tocqueville nos escritos da juventude de Morse

Mais de 30 anos antes da publicação de *O espelho*, um Morse bem mais jovem já considerava valiosos os olhares externos, e em diferentes medidas visionários, ao abordar assuntos diversos. Eles podiam ser de estrangeiros escrevendo sobre outro país ou de escritores ou políticos locais dotados da capacidade de estranhamento de sua própria cultura⁹. No ensaio “São Paulo Since Independence: A Cultural

⁸ Morse foi grande amigo de ambos.

⁹ Em entrevista a Helena Bomeny, Morse refere-se ao seu método de pesquisa quando se propôs a compreender a história de São Paulo: ao chegar à cidade sua primeira preocupação foi localizar os poetas e novelistas (BOMENY, 1989).

Interpretation”, de 1954, ele tomou como exemplares de visões críticas sobre o crescimento descontrolado e desorientado da nascente metrópole duas visões internas: a do poeta Álvares de Azevedo, para ilustrar a vertente do romantismo que se contrapôs ao pragmatismo da Geração de 1860, e a dos Andradas (Mário e Oswald de Andrade) como representantes do modernismo das primeiras décadas do século XX. Dentre os olhares estrangeiros, privilegiou aqueles que demonstraram uma visão mais apreensiva da vida paulista em meados do século XIX, como uma carta redigida por Ricardo Daunt em 1856. Nascido irlandês, Daunt tornou-se um católico brasileiro conservador, estabelecendo-se na tradicional cidade de Itu, no interior do estado, “de onde reprova veementemente os novos rumos da vida em São Paulo à maneira de um Alex de Tocqueville_(1805-1859) ou John Calhoun (1782-1850)” (apud MORSE, 1954b:42)¹⁰.

Há muitos que querem ver São Paulo crescer em riqueza e fazer enormes progressos, mas poucos são os que se preocupam se isto vai ocorrer às custas de perda do caráter paulista... Eu, entretanto, sem querer mascarar meu amor pela Província, não anseio por uma transformação tão rápida (...) Em minha opinião uniformidade de pensamento, costumes, gostos e caráter pressagiam a decadência de qualquer grande império, pois sendo em si mesmo uma coisa forçada e não natural, pode emanar somente de influência indevida da Corte ou de outros centros e é sempre um indício de falta de espírito, de virilidade, em povos então uniformizados que, desta forma, se preparam para o despotismo (Carta de Ricardo Gumbleton Daunt para Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, agosto de 1856, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lata 8, ms. 148 B (cópia datilografada do original) apud MORSE (1954b:427)¹¹.

Tocqueville e John Calhoun, considerados frequentemente por *scholars*

¹⁰ John Caldwell Calhoun (1782-1850) foi um líder político e teórico político norte-americano da Carolina do Sul durante a primeira metade do século XIX. Pronunciou-se eloquentemente sobre vários temas de seu tempo, frequentemente assumindo posições polêmicas. Começou sua carreira política como nacionalista, modernizador e proponente de um governo nacional forte e de tarifas protecionistas. Após 1830 passou a defender os direitos dos estados, do governo limitado, da nulificação e do livre-comércio. É mais conhecido por sua defesa intensa e original da escravidão como algo por vezes positivo em função de sua descrença na maioria e por ser favorável à secessão do Sul em relação à União.

¹¹ No original, “There are many who wish to see Sao Paulo grow in wealth and make outstanding progress, but little are they concerned if it occurs with the loss of traits of paulista character.... I, however, though I do not wish to yield to them in my love for the Province, do not hope for so rapid a transformation. In my opinion uniformity of thought, custom, taste and character presages the decadence of any great Empire, for being in itself a forced and unnatural thing, it can emanate only from the undue influence of the Court or some other center and is always an index of a lack of spirit, of virility, in people thus uniformalized, who are in this fashion prepared for Despotism”.

como conservadores e nostálgicos, são admirados pelo eclético Morse pela audácia de suas observações, contrárias à lógica evolucionista e supostamente racional predominante em seus respectivos contextos. Se os norte-americanos puderam se beneficiar do olhar externo de Tocqueville, poderiam também ter assimilado alguns ensinamentos do conterrâneo John Calhoun, é o que parece querer dizer Morse. Ambos viam o progresso material quando acompanhado de apatia ou uniformização intelectual com profundas suspeitas, como também o fez desde a juventude esse americano intranquilo, como pode ser visto em ambos os trabalhos de 1954.

Tanto no ensaio em que esboça uma teoria política para explicar a forma de governo na América Latina quanto naquele em que propõe uma interpretação cultural da história de São Paulo os Estados Unidos aparecem como o contraponto que ajuda a reforçar, pela comparação, sua interpretação do nosso subcontinente. Em ambos, Morse encontra analogias entre a história e a cultura da América ibérica e a da anglo-saxônica. No primeiro texto relativizou a teoria de F. S. C. Northrop sobre a perfeita adequação da perspectiva lockeana à história norte-americana desde o período colonial até o século XX. Seguindo a trilha de Robert Green McCloskey, que sustenta que a constituição norte-americana e a democracia jeffersoniana baseavam-se em “um arco diverso de doutrinas abstratas, de convicções semirreligiosas e de motivações econômicas”, ressalta que essa tradição respeitava a liberdade econômica para os indivíduos e a santidade dos direitos de propriedade lockeanos, sem descartar os valores humanos e cristãos igualmente derivados de Locke e dos esquerdistas britânicos do século XVII (MCCLOSKEY, 1951 *apud* MORSE, 1954c:91). “Assim como na Hispano-América colonial, o elemento nuclear da sociedade era mais o homem moral do que o homem econômico”¹².

Já no século XIX isso não era mais verdade, conforme atestado pelos polêmicos escritos de John Calhoun às vésperas da Guerra de Secessão (CALHOUN, 1854 *apud* Morse, 1954c:92). Neles é perceptível certa nostalgia de uma monarquia na qual os interesses do rei eram hereditariamente identificados com o dos súditos, de tal forma que se constituiriam em uma “comunidade reinal” (*kingdom-community*). Pois Calhoun acreditava que a sociedade era orgânica e que o homem era naturalmente social. A constituição de uma sociedade, para ele, precisava “brotar da comunidade e ser adaptada à inteligência e ao caráter do

¹² No original, “Just as in colonial Spanish America, moral rather than economic man was society’s nuclear element” (*apud* MORSE, 1954c:91).

povo, assim como as relações internas e externas que distinguem uma pessoa das demais”¹³ Não do desejo de uma maioria numérica ou absoluta, “mas de uma maioria baseada no senso de comunidade”. Somente quando a voz do povo procede de “comunidades naturais” e através de um “órgão apropriado” permanentemente reconhecido por cada um de seus membros é “que a anarquia deixa de ser uma ameaça, permitindo que a moral pública e a privada se tornem uma só”: essa seria a condição para que todos os elementos de uma comunidade nacional pudessem atingir uma “disposição para a harmonia” e a voz do povo se tornasse a de Deus.

Essa ênfase na confluência entre a moral pública e a privada é um dos aspectos que encorajou Morse a adotar, com poucas mudanças, “categorias ibero-americanas” para compreender Calhoun e a Anglo-América: “os princípios de Calhoun tornam-se tomistas, ou aqueles do México moderno” (apud MORSE, 1954b:92)¹⁴ O político norte-americano aproximar-se-ia mais da teoria maquiavélica do que da teoria do contrato social para explicar como os governos se formam na medida em que acentua seu caráter transitório, produto de circunstâncias, em detrimento de um contrato supostamente “eterno”. Segundo ele:

Parece quase uma necessidade que os governos devam começar em algumas de suas formas mais simples e absolutas que, embora fossem convenientes para a comunidade em seus estágios iniciais, conduziram em seguida à opressão e ao abuso de poder..., a não ser que os conflitos a que eles conduzem pudessem por acaso ser ajustados por um compromisso, que daria às respectivas partes uma participação no controle do governo; e, portanto, estabeleceriam as fundações de um governo constitucional, a ser amadurecido e aperfeiçoado posteriormente. Tais governos têm sido definitivamente produto das circunstâncias. Daí a dificuldade de um povo imitar o governo de outro (CALHOUN, *A Disquisition on Government*, 1854:79 apud MORSE, 1954b:92)¹⁵.

¹³ No original, “(...) must spring from the bosom of the community, and be adapted to the intelligence and character of the people, and all the multifarious relations, internal and external, which distinguish one people from another” (apud MORSE, 1954c:92).

¹⁴ No original, “With few changes Calhoun’s principles become Thomistic or those of modern Mexico”.

¹⁵ No original, “It would thus seem almost necessary that governments should commence in some one of the simple and absolute forms, which, however well suited to the community in its earlier stages, must, in its progress, lead to oppression and abuse of power, unless the conflicts to which it leads should be fortunately adjusted by a compromise, which will give to the respective parties a participation in the control of the government; and thereby lay the foundation of a constitutional government, to be afterwards matured and perfected. Such governments have been, emphatically, the product of circumstances. And hence, the difficulty of one people imitating the government of another”.

Em outras palavras, Morse inclui Calhoun entre os pensadores que explicam a formação de governos na linha proposta por Maquiavel, considerada por ele a mais adequada para entender a constituição dos países entre 1808 e 1822, posteriormente transformados em nações latino-americanas. Tomás de Aquino e Maquiavel foram precisamente os dois autores e/ou tradições filosóficas nos quais Morse encontrou desde “Towards a Theory” as chaves de compreensão do mundo ibero-americano. Enquanto o maquiavelismo forneceu a chave teórica para entender a era dos caudilhos na América do Sul, a utilização do tomismo enquanto categoria explicativa perpassa praticamente toda a obra morsiana desde 1954.

Esse ensaio e o outro de 1954, que faz uma interpretação cultural da história da cidade de São Paulo, são importantes para documentar as formulações pioneiras do autor em busca de novos referenciais do pensamento ocidental para compreender a América Latina (ao invés da velha ladainha sobre a inadequação de Locke, Hobbes etc.) como também para percebermos a aplicação de alguns deles, em algumas situações específicas, nas quais encontra resquícios dessa tradição tão medieval e barroca em seu próprio país. Por exemplo, teria sido amparado por pressupostos tomistas e maquiavélicos que Calhoun concluiu pela impossibilidade de um povo imitar o governo de outro. Mesmo seguindo um raciocínio diferente, sua conclusão coincidia com a de trechos de *A democracia na América*, do mestre Tocqueville, então recém-publicada. Ele estava também de acordo com o colega francês ao ponderar que os problemas sociais e políticos não se resolvem apenas com leis, senão com a consonância delas com os costumes. Quando viajou pelos Estados Unidos nos anos 1930 e escreveu suas impressões, Tocqueville considerou o ajuste entre tradição e costumes, inexistente na França ou no México, como o fator mais importante para explicar o sucesso do país no processo universal e irreversível de avanço da democracia. Já Calhoun escreveu em um momento mais problemático, menos propício a interpretações otimistas. Pelo contrário, correspondia àquele da concretização de um dos cenários negativos vislumbrados por Tocqueville: o desmembramento da União.

Morse considerou então a Guerra Civil, simbolicamente tida como o divisor de águas da história norte-americana, como o correspondente à independência na Hispano-América e/ou ao exílio da família real portuguesa no Brasil. Porém, além de ter marcado a predominância do capitalismo industrial e financeiro e o eclipse do Sul agrário e patriarcal de Calhoun no comando da política nacional, a guerra, segundo Morse, fez com que o componente moral,

humano e cristão de Locke se tornasse recessivo e que a sanção lockeana para o individualismo econômico atomístico – que tinha sido menos forte no período inicial do que sugerido por Northrop – se tornasse dominante¹⁶. Nas palavras de McCloskey, “uma nova racionalidade conservadora desenvolve-se no corpo moribundo do liberalismo jeffersoniano” (McCLOSKEY, 1951:15 *apud* MORSE, 1954c: 92)¹⁷. Ele ilustra essa afirmação através do exame de três representantes do fim do século XIX nos Estados Unidos: William Graham Sumner, um sociólogo que preconizou “abraçar francamente uma norma social baseada na utilidade material”; Stephen J. Field, um jurista que argumentou que “liberdade democrática e econômica são uma só e mesma coisa”; e “o capitão da indústria Andrew Carnegie, que apesar de seu humanismo grandiloquente, percebia que capitalismo e democracia não podem ser separados” (McCLOSKEY, 1951:15 *apud* MORSE, 1954c:92)¹⁸.

Nos anos 1860, Henry Adams expressou sua insatisfação com as condições da democracia norte-americana no *postbellum*, asseverando que:

O sistema de 1789 foi dismantelado, e com ele o tecido setecentista dos princípios morais ou a priori. Os políticos abriram mão deles. A administração Grant marcou a asserção... Os darwinistas deveriam concluir que a América estava se revertendo à idade da pedra, mas a teoria da reversão era mais absurda do que a da evolução. A administração Grant reverteu ao nada. Ninguém poderia seguir uma trilha do passado, menos ainda do futuro. Isso não era sequer sensivelmente americano (ADAMS, 1918:266, 280-281 *apud* MORSE, 1954c:93)¹⁹.

Uma geração depois, Morse encontrou em Lincoln Steffens, um homem do oeste, a “percepção astuta” de que a disparidade entre a moralidade constitucional

¹⁶ Em *Toward a Theory of Spanish American Government*, Morse estabeleceu uma analogia entre tomismo e maquiavelismo nos termos da genética; enquanto um era dominante o outro era recessivo. Mas os dois estavam sempre coexistindo. O tomismo dominou por mais tempo e correspondeu à centralização e ao controle do poder pela monarquia espanhola ou posteriormente pelos governos estabelecidos nas nações recém-fundadas. O maquiavelismo teria vindo à tona nos momentos de crise, de perda do controle, de reinício ou fundação de outras formas de governar.

¹⁷ No original, “a new conservative rationale develops on the moribund body of Jeffersonian liberalism”.

¹⁸ No original, “Andrew Carnegie, who as a captain of industry, and despite his vaunted humanitarianism, felt that capitalism and democracy ‘cannot be disjoined’”.

¹⁹ No original, “The system of 1789 had broken down, and with it the eighteenth-century fabric of a priori, or moral, principles. Politicians had given it up. Grant’s administration marked the avowal. Darwinists ought to conclude that America was reverting to the Stone Age, but the theory of reversion was more absurd than that of evolution. Grant’s administration reverted to nothing. One could not catch a trait of the past, still less of the future. It was not even sensibly American”.

e a estrutura e exercício do poder nos Estados Unidos não era diferente daquela encontrada na Europa²⁰. Os franceses só não enfrentavam o dilema moral da democracia americana porque, segundo o político oitocentista, “não chamavam de bom ou certo o mal que haviam feito, de forma que tinham aquele charme que sinto em ‘homens maus’ na América, nos ‘vilões honestos’ na política e nos negócios” (STEFFENS, 1931:705-711 *apud* MORSE, 1954c:93)²¹. A lição de Lincoln Steffens para a América e para as Américas foi que uma moralidade política, de fato, só pode vir da experiência americana, isto é, é uma moralidade viva e que precisa ser reconhecida enquanto tal. Nos termos formulados por Arthur Schlesinger Jr., diria que, em momentos de crise, como certamente foi a Guerra Civil, prevalece a interpretação da América entendida enquanto uma experiência ao invés de um “Destino Manifesto” (SCHLESINGER, 1992)²². Já o período *postbellum* reforçou a ideologia do Destino Manifesto.

Se John Calhoun, Henry Adams e Lincoln Steffens desmentiram Tocqueville no que concerne à existência de uma sintonia entre leis e costumes na democracia norte-americana, eles reforçaram as impressões do francês sobre os perigos da ditadura da maioria. A comparação feita por Lincoln Steffens entre os norte-americanos e os franceses é sintomática: ainda que os últimos não fossem perfeitos, eles eram, pelo menos, menos hipócritas que seus conterrâneos. Nos Estados Unidos de Steffens, Henry Adams e Calhoun, não existiam mais sequer traços da suposta ingenuidade estadunidense algumas vezes elogiada e outras criticada por Tocqueville:

Os americanos, em suas interações com estranhos, mostram impaciência frente à menor censura e uma necessidade insaciável de elogios... eles são incansáveis em sua exortação por reconhecimento, e se você resiste aos apelos eles próprios

²⁰ Lincoln Steffens (1866-1936) foi um repórter de Nova York que publicou uma série de artigos na Revista *McClure*, posteriormente incluídos no livro *The Shame of the Cities*. Tornou-se famoso, e controverso, por investigações de corrupção em governos municipais de cidades norte-americanas e pelo suporte pioneiro à Revolução Mexicana e à União Soviética.

²¹ No original, “have not called good or right the evil that they have done, and so they have that charm which I felt always in ‘bad men’ in America, in the ‘honest crooks’ in politics and business”.

²² Em 1954, Morse estabeleceu uma analogia genética entre caracteres genéticos dominantes e recessivos para compreender a cultura política espanhola na América Latina: o tomismo e o maquiavelismo. Alguns anos antes, Schlesinger havia detectado a existência e a coexistência de duas vertentes de interpretação da história dos Estados Unidos: América como Experiência X América como Destino Manifesto. Quando uma era dominante, a outra era recessiva. A primeira, histórica, tendeu a predominar nos momentos de insegurança e a segunda, a-histórica e religiosa, naqueles de confiança na situação dos norte-americanos como povo escolhido. Infelizmente, em seu entender, os momentos de arrogância e mistificação predominaram, embora ele próprio nunca tenha desistido de explicar o sucesso e os problemas de seu país considerando o entendimento como uma experiência histórica. Penso que Morse possa tê-lo lido e usado como inspiração metodológica, embora não tenha condições de comprová-lo.

deixam de se enaltecer. É como se, por duvidarem do próprio mérito, precisassem ter isso exibido constantemente diante de seus olhos²³.

O que aproxima a visão desses três norte-americanos da do viajante e observador externo francês é o olhar estrangeiro, no sentido de estranhamento de fatos e/ou de atitudes “naturalizadas”, ou não questionadas por seus conterrâneos contemporâneos.

Próspero como antropólogo

Em estudo dedicado à história urbana da América Latina, de 1962, como em “Towards a theory”, a referência ao caso norte-americano aparece no fim do ensaio para mais bem iluminar a comparação que vinha fazendo entre as cidades da América hispânica e portuguesa entre os séculos XVII e XIX. Segundo ele, “na América Latina colonial, como nos Estados Unidos nos tempos de Tocqueville, ocorreu um processo traumático de democratização cultural e, por vezes, social” (MORSE, 1962:333)²⁴. No mundo anglo-americano, uma das decorrências previstas por Tocqueville – o desmembramento da União e a Guerra Civil de meados do século XIX –, embora muito estudada, foi pouco compreendida por seus conterrâneos.

Uma prova disso é a forma como o episódio foi referido por John Lewis Gillin (1872-1958), cujo ensaio “Some Signposts for Policy” serviu de inspiração para uma coletânea de textos de latino-americanistas sobre cinco países da América Latina incluídos em *Economic Development and Cultural Change*. Na resenha desse livro, publicada em 1963, sugestivamente intitulada “The Anthropologist as Policy Consultant”, Morse demonstrou seu espanto, para não dizer revolta, com o uso feito da Guerra de Secessão dos Estados Unidos para comparar a situação da América Latina não apenas com a dos Estados Unidos como também com a da Ásia e da África. A ansiedade dos autores para que os Estados Unidos dessem auxílio e, por implicação, também presidissem

²³ No original, “The Americans, in their intercourse with strangers, appear impatient of the smallest censure and insatiable of praise. They unceasingly harass you to extort praise, and if you resist their entreaties they fall to praising themselves. It would seem as if, doubting their own merit, they wished to have it constantly exhibited before their eyes”, *Alexis de Tocqueville*. Essa tese da suposta inocência americana foi também criticada por Arthur Schlesinger Jr. (Undernews: <http://prorevnews.blogspot.com.br/2013/02/word-american-exceptionalism.html>). Essa citação não está em Morse. Optei por ela por tê-la encontrado em um site sobre o excepcionalismo norte-americano. Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

²⁴ No original, “As in the United States of Tocqueville’s time, so in Latin America there occurred a traumatic process of cultural and, at moments, social democratization”.

uma revolução social pacífica na América Latina os impele, por exemplo, à “glorificação centenária da nossa sangrenta Guerra da Secessão, que mal tem uma contrapartida na América Latina” (MORSE, 1963:190). Chegam ao ponto de interpretar “a inexistência dessas guerras extenuantes, já então disseminadas na Ásia e para a África”, como uma comprovação histórica de um impedimento, ou retardo da modernização da América Latina! É lamentável que:

Os antropólogos, nos quais se costumava buscar por garantia de que em outras partes do mundo outras formas de vida fossem ricamente vividas e de que os sistemas de valores fossem tidos como incomensuráveis são agora recrutados para a Guerra Fria (MORSE, 1963:191)²⁵.

Embora reconheça que alguns dos artigos do livro sejam de ótima qualidade, Morse questiona a ênfase no provimento de informações em detrimento de reflexões, que perpassaria os textos desses sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e economistas, todos provavelmente tentando auxiliar na elaboração de políticas para a América Latina. Eles parecem não perceber que essa tarefa é inclusive dispensável na medida em que os formuladores da política externa norte-americana poderiam obtê-las de muitas outras fontes. Uma das explicações de Morse para isso é a carência de um marco teórico e o foco na curta duração.

Quando o intelectual ou cientista social, ao invés de abordar a “longa duração” limita-se a “instruções”, quem será então a voz da consciência, quem insistirá sobre os aspectos recalcitrantes da natureza humana, quem traçará uma lógica do processo social que nem sempre obedece aos sussurros do coração liberal, quem explicará o drama das nações em termos mais agudos do que o maniqueísta? (MORSE, 1963:195)²⁶.

Como já assinalado, Morse optara pela longa duração e arriscara interpretações teóricas e comparativas eruditas e inusitadas, frequentemente vistas com suspeita pela comunidade acadêmica em geral, e entre os latino-

²⁵ No original, “Anthropologists, to whom we once looked for assurance that somewhere in the world lives are richly lived and that value systems are incommensurable, are now recruited for the cold war” Agindo dessa forma, um autor como Holmberg tende a se tornar mais um optometrista do que um antropólogo.

²⁶ No original, “When the intellectual or social scientist turns from ‘long-terming’ to ‘briefing’, who will then sound the voice of conscience, insist upon the recalcitrancies of human nature, chart a logic of social process that does not always obey the promptings of the liberal heart, ex-plain the drama of the nations in terms more acute than the Manichean?”.

americanistas em particular²⁷.

Esse singular latino-americanista já se orgulhava e continuou a fazê-lo até o fim da vida, de ser um renascentista, avesso às especializações e classificações castradoras. Porém, o Morse brincalhão permanecia nostálgico. Em entrevista concedida duas décadas depois a José Carlos Sebe Bom Meihy, expressou um saudosismo em relação à geração denominada os pioneiros, antes da existência do termo latino-americanista ou brasilianista já perceptível nessa crítica aos latino-americanistas da década de 1960, empolgados com a abordagem científica de seu objeto, seguida da especialização.

Os historiadores da minha turma tinham uma visão mais abrangente da América Latina. Ainda não havia este absoluto que depois se instalou, esta coisa de especialização... Isto foi uma mania decorrente, que veio da política de bolsas, quando era solicitado que cada estudante tivesse um assunto que fosse como um feudo seu... Logicamente há bons trabalhos feitos nessa perspectiva, mas quase sempre acho que eles perdem a visão de conjunto... Lembro com muita saudade e até com nostalgia o tempo em que ser latino-americanista era uma coisa de “amadores”, amadores no sentido de *lovers*, amantes... Havia mais paixão, menos profissionalismo em termos do valor abusivo da especialização (MEIHY, 1990:158).

Não negava que, em alguma medida, alguma dose de especialização fosse necessária. Temia apenas pelos exageros que já diagnosticava. Em entrevista a Helena Bomeny em 1989 reconhecia que seu interesse pelo desenvolvimento do fenômeno urbano na América Latina o havia conduzido inclusive ao estudo da história econômica, que era vista como complementar da história política, da história social e da própria literatura. “Com o tempo me encaminhei para fazer a sociologia da cultura intelectual dentro das cidades, e por isso me vi dentro de um campo multidisciplinar, transdisciplinar”.

Isso pode ter contribuído para que fosse questionado por não assumir posicionamentos políticos sobre as relações entre Estados Unidos e América Latina nesse contexto, mais precisamente sobre as ditaduras militares implantadas na região na década de 1960 com o aval e muitas vezes com ajuda direta do seu país. Eu mesma nunca li ou ouvi de Morse qualquer defesa nesse sentido. Ele sempre desconversava e/ou se justificava dizendo estar mais preocupado em dizer coisas menos óbvias.

²⁷ Ele reforça essa posição com ênfase na referida entrevista a Helena Bomeny em 1989.

Não falo porque todo mundo fala das ditaduras, dos militares, disso e daquilo, e é precisamente pela escassez de trabalho, entre a produção acadêmica norte-americana, com uma visão mais abrangente, que procurei outro caminho, evitando as complicações das conjunturas atuais (BOMENY, 1989).

Qual não foi minha surpresa no segundo semestre de 2012 quando, pesquisando sobre ele no Arquivo da Unicamp, me defrontei com uma nota de protesto enviada ao NYT por ele e três outros latino-americanistas norte-americanos – Thomas Skidmore, Stanley Stein e Charles Wagley – em defesa de Caio Prado Júnior, em 1970, ou seja, em pleno governo do general Emílio Garrastazu Médici no Brasil (1969-1974)²⁸. Nesse mesmo ano, em carta endereçada a Antonio Candido, agradeceu a ele e a Maria Sylvia pela ajuda na tradução de partes adicionais de seu livro sobre São Paulo, que foi publicado pela Difel nesse ano e antecipou, de forma brincalhona, como sempre, que ele não constituiria qualquer perigo nesse momento delicado da história do Brasil, pois, como antecipara Maria Sylvia, “a ideologia do livro de Morse é muito conservadora”²⁹.

Em 1972, um Morse mais maduro retomou o tema das cidades ibero-americanas em “A Prolegomenon to Latin American Urban History” – que considero um divisor de águas em sua vida acadêmica –³⁰, desta vez esboçando uma comparação entre a cidade puritana da Nova Inglaterra e aquelas das Américas espanhola e portuguesa. Esse ensaio deu continuidade aos escritos anteriores e antecipou argumentos posteriormente aprofundados em *O espelho de Próspero*. Os Estados Unidos continuavam atuando como contrapartida para ilustrar o caso ibero-americano, uma vez mais abordado na perspectiva da longa duração nesse ensaio ele fez um recuo temporal à Idade Média, retomado em *O espelho*, ou mesmo à Antiguidade, período que não aparece em seu ensaio mais famoso e polêmico. A significância do caso ibero-americano foi então acentuada pelo contraste com a comunidade contratual (*covenanted community*), uma espécie de contrato entre Deus e seu povo eleito encontrado entre os primeiros puritanos. Entre os dois modelos existiriam diferenças evidentes, mas também, pelo menos, uma importante semelhança, apenas detectável em uma abordagem de longo prazo:

A “cidade puritana sobre a colina” *mantém certos princípios medievais* de subordinação social. Entretanto, a única

²⁸ Letter to NYT. Brazilian Dissident. March 8, 1970. Deparei-me também com a mesma carta, inclusive com os contatos preparativos dela entre Morse, Stanley Stein, Charles Wagley e Thomas Skidmore, nos arquivos da Yale University em 2013.

²⁹ No original, “the ideology of Mr. Morse’s book is very conservative” (Letter from Morse to Antonio Candido in July 8, 1970. Coleção doada por Antonio Candido para a Biblioteca Oliveira Lima, em Washington DC, USA).

³⁰ Aprofundo esta hipótese no texto introdutório da mencionada coletânea de escritos inéditos de Morse.

relação “natural” é entre pais e filhos. Outras relações eram voluntárias e dependentes do engajamento mútuo entre as partes (grifo meu) (MORSE, 1972:368)³¹.

As diferenças são certamente mais evidentes, conhecidas e estudadas, inclusive por ele mesmo. A comunidade na Nova Inglaterra era concebida como uma série de relações duais, ao invés de composta por grupos corporativos ou por castas; não preexistia ou transcendia os arranjos contratuais entre seus membros. Como a congregação não tinha identidade em si mesma, cada consciência individual possuía uma enorme responsabilidade para preservar o “compromisso matrimonial” entre Deus e a comunidade. Enquanto seus membros permanecessem sem pecado, a comunidade seria a encarnação da ordem divina, ao invés de uma réplica imperfeita da mesma. Por outro lado, seus integrantes poderiam reproduzir novas congregações que, por sua vez, poderiam iniciar uma relação independente com Deus, não subordinada ao grupo parental. Isso destoa bastante da Ibero-América, onde comunidades “perfeitas” de elites religiosas disciplinadas, embora pudessem ser ecumênicas em suas pretensões, serviam de fato apenas para funções paradigmáticas.

Morse entre Tocqueville e a Escola de Frankfurt

A meu ver os fragmentos esboçados por Morse sobre a história norte-americana nos escritos mencionados e sua avaliação conjuntural formulada em *O espelho de Próspero* reforçam a assertiva do crítico literário austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux de que “não há nada mais revolucionário no mundo do que uma tradição esquecida e ressuscitada” (CARPEAUX, 1943:399). O nascido europeu Carpeaux percebia que a tradição americana só se completa na “combinação do barroco tradicional com o romantismo utópico”. Até porque, em seu entender, “a mais velha tradição americana é barroca”.

Se fosse historiar como os Estados Unidos na obra de Morse foram avaliados por seus estudiosos, começaria reconhecendo que, seguindo inclusive ele próprio, a maioria das análises de seu pensamento, inclusive as minhas, focou em sua interpretação ou em sua relação afetiva com a América Latina³². Logo

³¹ No original, “The Puritan ‘city upon a hill retained certain medieval principles of social subordination. The only ‘natural’ relationship, however, was that between parents and children. Other relations were voluntary and dependent on two parties ‘mutual engagement’”.

³² Para dar poucos exemplos, ver as coletâneas: Bomeny (1992); Borges e Cohen (1995); Domingues & Blasenheim (2010).

em seguida à publicação de *O espelho*, as críticas à sua abordagem negativa dos Estados Unidos eram inseparáveis do que era então percebido por sociólogos como Simon Schwartzman como um elogio acrítico de nossa resistência à modernidade, ou de nosso atraso³³. Sua publicação subsequente, a meu ver, põe por terra qualquer dúvida nesse sentido: em vários ensaios Morse exercita a inversão do espelho invertendo os ângulos de análise ao comparar a América ibérica com a anglo-saxônica. Isso ficou evidente, por exemplo, no texto em que compara os modernistas paulistas com os norte-americanos, incluído em *A volta de McLuhnaíma*, de 1990.³⁴ E já em 1992, Haroldo de Campos publicou um curto e instigante ensaio sobre Morse, inspirado no crítico literário austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux, tomando como ponto de partida a assertiva de que a mais velha tradição americana era o barroco, para fazer incursões no pensamento entrópico do singular norte-americano nos trópicos (CAMPOS, 1992). Ressaltou um ponto fundamental da análise de Carpeaux: que o barroco se referia ao continente como um todo e não apenas à América Latina. A análise da relação entre Morse e o Barroco, respaldada em Carpeaux e Haroldo de Campos, foi retomada por Rubem Barboza Filho em 2010 (BARBOZA FILHO, 2010).

Com uma distância de quase 20 anos o poeta Haroldo e o sociólogo Rubem Barboza discutiram a presença do barroco tanto na obra de Morse como na história e na cultura norte-americanas, a partir das teses de Carpeaux. Minha incursão pelas duas obras da juventude de Morse aqui mencionadas seguiu nessa trilha, tentando enriquecê-la com exemplos de *insights* do americano intranquilo inspirados por personagens do século XIX norte-americano, nos quais encontrava reminiscências da forma barroca de pensar.

A avaliação positiva de Morse sobre a herança medieval ibérica na América Latina e no Brasil parece-me intrinsecamente relacionada com a forma como avalia o progresso desprovido de espiritualidade, do qual os Estados Unidos seriam um exemplo. A relação nostálgica com o passado dos Estados Unidos pode tê-lo conduzido a projeções consideradas inusitadas sobre o futuro de seu próprio país e da América Latina, ou mesmo inaceitáveis por seus contemporâneos no Norte e do Sul do continente. Ele costumava brincar, embora eu nunca tenha encontrado essa afirmação por escrito, que, assim como seu mestre Tocqueville prognosticara a ascensão dos Estados Unidos e da Rússia à situação de grandes

³³ SCHWARTZMAN, 1988. “Resenha de Richard M. Morse, *O Espelho de Próspero*”. Foi depois publicado como “O Espelho de Morse” em *Novos Estudos CEBRAP* vol. 25 (1989) e incluído posteriormente em *A redescoberta da cultura* (1997) (Ver MORSE, 1989).

³⁴ Ver, por exemplo, os ensaios reunidos em Morse (1990).

potências em meados do século XX, ele previa a ascensão da América Latina e particularmente do Brasil no cenário internacional nas primeiras décadas do século XXI³⁵.

Talvez pudéssemos especular que Morse constatou tristemente que as previsões otimistas de Tocqueville – a transformação dos Estados Unidos em uma grande potência no século XX – trouxeram com elas aquelas mais temerosas, ou seja, uma sociedade homogênea, que em nome da igualdade teria sacrificado a liberdade. A dificuldade de criticar os desdobramentos da modernização em seu país recorrendo ao discurso tocquevilliano alternativo parece ter sido a razão de sua escolha da Escola de Frankfurt como embasamento da “catarse” diagnosticada por Shirts na parte III de *O espelho de Próspero*. Conforme assinalado por Barboza Filho, é como se Morse tivesse se dado conta de que o que era “presciência” em Tocqueville, referindo-se aos Estados Unidos, tornou-se, para ele, “consciência aguda e dolorida” (BARBOZA FILHO, 2010:226). Ou seja, o americano intranquilo percebeu que a pior parte da profecia tocquevilliana – a que previa a ditadura da maioria e a subjugação da liberdade pela igualdade – era uma realidade em seu país. Porém, como não conseguia convencer um público dominado por uma mentalidade “encharcada do pequeno Tocqueville americanizado”, não teve como embasar-se em um Tocqueville que, ao invés daquele mutilado difundido na academia norte-americana como um reforço para a voga do excepcionalíssimo norte-americano, oferecesse um discurso crítico e comparativo precisamente porque dotado do olhar “externo”, crítico e comparativo. Para o momento, os Estados Unidos da segunda metade do século XX, a interpretação da Escola de Frankfurt sobre os riscos já evidenciados nas sociedades de massas, deve ter-lhe parecido mais oportuna, ou talvez prudente. Algumas análises desses pensadores pareceram-lhe instigantes para elaborar, a seu modo, a questão das nações subdesenvolvidas na Europa (e o que elas têm de semelhante, e, portanto, de elucidativo, para compreender a América Latina).

A caracterização da Escola de Frankfurt – que interpreto livremente com alguns toques modernizantes – poderia ser objetada com o argumento de que, ao contrário das análises neoleninistas, deixa de lado tanto as nações subdesenvolvidas como os setores pobres das “desenvolvidas” (MORSE, 1988:126).

Ao assumir tal desafio, evitando “as armadilhas da interpretação ariologista”,

³⁵ Sobre esse aspecto ver Domingues (2011a).

Morse retomou o mote mencionado na abertura do livro: oferecer uma leitura alternativa, crítica do *Ariel* de Enrique Rodó (1871-1917)³⁶. Segundo ele, o *Ariel* de Rodó, apesar de sua influência continental, tinha seus horizontes limitados à Paris do final do século XIX. O Próspero de Rodó limitava-se a criticar, em estilo neopositivista, a mediocridade e a mentalidade utilitária exemplificada pelos Estados Unidos – sem sequer reconhecer sua dívida para com Tocqueville – instando a Ibero-América às conquistas espirituais. Rodó tampouco compreendeu, segundo Morse, o heroísmo nietzschiano ou seu próprio contexto cultural (a Espanha foi citada uma única vez em seu ensaio) (MORSE, 1988:127)³⁷. Propondo-se “a ser mais historicista e crítico do que Rodó” explicita que a questão não é:

Se a Ibero-América pode suportar, ou de alguma maneira enobrecer, a penetração do Grande Desígnio Ocidental, mas se ela é, por constituição histórica (e não importa se para o bem ou para o mal), de certo modo impenetrável a esse desígnio. E se a transição for irrealizável, ao invés de irrealizada? (MORSE, 1988:127).

Uma proposição semelhante, inclusive com referência a Tocqueville e à Escola de Frankfurt, foi feita em um polêmico paper apresentado em um congresso de latino-americanistas em Stanford (MORSE, 1983). Morse se declarava então em busca de uma reinterpretação dos últimos séculos da história do Brasil amparado em percepções e processos afinados com aqueles da “sociologia crítica” e que enfrentassem a resistência estrutural do Brasil à racionalização ocidental. Para tal, sugeria aos colegas brasilianistas:

Procuremos recapturar pelo menos uma pálida semelhança com o espírito de Tocqueville. Olhando para os Estados Unidos como nós olhamos agora para o Brasil, ele evitou impor categorias francesas aos Estados Unidos (embora sem deixar de lado sua sabedoria acumulada) e, ao invés disso, inquiriu sobre as mensagens que essa nação crua e turbulenta teria para o Resto do Ocidente (MORSE, 1983:9)³⁸.

³⁶ Sobre a situação de *O espelho de Próspero* na literatura americana que faz uso das metáforas shakespearianas para explicar as diferenças entre a América Latina e os Estados Unidos ver, por exemplo: Monteiro (2010).

³⁷ Nesse mesmo contexto, outros autores ibero-americanos, como Rubén Darío, promoviam em ensaios que também se valiam das metáforas shakespearianas em intenso debate crítico com o legado espanhol, que começa a ser relido como sendo menos negativo do que até então.

³⁸ O “Resto do Ocidente” foi, como visto, a expressão utilizada por Morse para caracterizar a Ibero-América na entrevista a Eduardo Lins e Silva em 1989. No original, “We seek to recapture at least a pale semblance of the spirit of Tocqueville. Looking at the United States as we now look at Brazil, he refrained from imposing

Assim como tinha ajudado no diagnóstico dos problemas da modernidade ocidental, a Escola de Frankfurt parecia-lhe um instrumento precioso a ser utilizado pelos brasilianistas para compreender o Brasil. O projeto estabelecido por Max Horkheimer em 1930 era dedicado a sintetizar não somente Freud, Weber e Marx, mas também Kant, Hegel, Tocqueville, Schopenhauer e Nietzsche, como também elementos literários e musicais. Tentativas nesse sentido de sintetizar um ou mais desses clássicos europeus (majoritariamente alemães) haviam sido feitas no Brasil por autores isolados como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado. Um motivo a mais para que os brasilianistas aprendessem também com os brasileiros, que era a mensagem principal desse texto de Morse.

A Alemanha já vinha então aparecendo em outros ensaios de Morse como um bom parâmetro para o estabelecimento de analogia e comparações entre o Ocidente e a América Latina, uma vez que pertencia à “Europa subdesenvolvida” de fins do século XIX e ao Japão (DORE, 1964). A comparação com essas regiões apareceu no ano seguinte em “‘Peripheral’ Cities as Cultural Arenas” (“Cidades ‘periféricas’ como arenas culturais”) e foi retomada em “A multidiversidade na busca pela identidade na América Latina no século XX” (MORSE, 1984)³⁹.

O que me interessa realçar, no momento, é a interessante alternância, ou talvez seja melhor dizer a combinação entre Tocqueville e a Escola de Frankfurt para fundamentar a crítica morsiana aos rumos da modernidade no Ocidente. Já foi sublinhado que sua avaliação positiva da América Latina se devia ao fato de o subcontinente ter conseguido escapar do fado tocquevilliano analisado, destrinchado e repudiado pela Escola de Frankfurt quase cem anos depois. Sendo a América Ibérica um espaço no qual existiria menos igualdade, havia em contrapartida mais liberdade, menos racionalização e, conseqüentemente, menos padronização e homogeneização. Ou seja, a região estava ainda a salvo do processo em curso nos Estados Unidos e no Ocidente em geral por ser um mundo menos desencantado no sentido weberiano. A Escola de Frankfurt era então uma abordagem abraçada pelos rumos da modernidade, que por si mesma atraía uns e repelia outros. Morse se sentia atraído por ela, como por Foucault, porque, dentre outras coisas, estava interessado em trabalhar com poesia: “não tanto com o mundo das instituições e das dominações, mas com os processos mentais através dos quais as pessoas tomam consciência de sua situação” (BOMENY, 1989).

French categories (although not from drawing on inherited wisdom) and instead inquired what messages this raw and turbulent nation might have for the Rest of the West”.

³⁹ Foi publicado em espanhol “Ciudades ‘periféricas’ como arenas culturales (Rússia, Áustria, América Latina)”, 1985. Em português a tradução do texto só ocorreu dez anos mais tarde: “Cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina”, 1995.

O papel da Escola de Frankfurt nas comparações de Morse entre as duas Américas foi questionado por José Murilo de Carvalho como potencialmente criador de certa “ambiguidade” (a expressão é minha) para a própria imagem de Morse no mundo acadêmico brasileiro: ele se refere em especial a uma tendência à uma maior aproximação entre Morse e Gilberto Freyre, apesar das delcaradas expressões de simpatia de Morse por seu amigo Sérgio Buarque, devido à ênfase morsiana nos traços não ocidentais ou não modernos da cultura latino-americana (CARVALHO, 1998).

Não sei dizer se Morse respondeu ou não diretamente a José Murilo, então seu amigo em 1998, quando *Pontos e bordados* foi publicado. Conhecendo o homem e a obra, diria que provavelmente respondeu, ou teria respondido, da forma vaga como fizera em 1988 com *Shirts*: os níveis de consciência e inconsciência nem sempre são claros, você sabe, né? Imagino que ele certamente ficaria em dúvida, como ficamos nós, seus leitores, inclusive porque uma opção não necessariamente elimina a outra. No caso específico de Morse, isso era ainda mais verdadeiro. Ele era admirador e amigo íntimo de Sérgio Buarque, ainda que a influência dele em Morse não seja evidente em citações do autor, como vem mostrando os estudos de Pedro Meira Monteiro (2010). Quanto a Gilberto Freyre, Morse era encantado por seus escritos desde a juventude até a maturidade, e parece-me que o pernambucano influenciou mais a sua obra do que explicitado por Morse ou assinalado por seus intérpretes. Esse foi também o caso de Sérgio Buarque de Holanda e de Oswald de Andrade⁴⁰. Em 1950 publicou uma resenha altamente elogiosa de *Ingleses no Brasil*, recentemente lançado por Gilberto Freyre, considerado pelos brasileiros praticamente um estrangeiro por ter escrito grande parte de sua obra nos Estados Unidos (MORSE, 1949). Mais uma sintonia com autores admirados por Morse e por ele mesmo em relação ao Brasil e à América Latina. Em seu último longo e denso ensaio sobre a busca da identidade na América Latina (1995) dedicou um item à discussão sobre o delicado equilíbrio e evidência ao comparar Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre (MORSE, 2011). Nesse mesmo ano, em curto prefácio, confessou que ao escrever sua tese sobre a formação da cidade de São Paulo tinha em mente “produzir uma versão urbana de *Casa Grande & Senzala*” (MORSE, 1995:4).

Morse também ficava indeciso quando lhe pediam para escolher entre

⁴⁰ A influência de Sérgio Buarque de Holanda tampouco é mencionada explicitamente em *O espelho de Próspero*, embora o livro possa ser lido, conforme sugere Pedro Meira Monteiro (2010), como um aprofundamento de teses defendidas em *Raízes do Brasil*. Outro autor que me parece muito presente e pouco citado no mesmo *Espelho* é o modernista Oswald de Andrade, em especial seus ensaios filosóficos da maturidade (DOMINGUES, 2010).

Mário e Oswald de Andrade. Quando perguntado, tendia a concordar com seu amigo Antonio Candido que Mário seria o revolucionário e Oswald, o terrorista. Mas qual dos dois era o seu predileto? Ele desconversava novamente:

Qual é o mais importante? Oswald se a busca é pela linguagem que rompe com a mimese tradicional, mas Mário se a busca é pela linguagem que expressa uma visão brasileira do mundo. Em tempos de crises existenciais como o fim da década de 1960 e o início da de 1970, Oswald desempenha um papel mais aglutinador, encontrando o ambiente propício para sua sobrevivência cultural. Já em momentos que oferecem possibilidades de construção socialista o modelo de Oswald sofre um eclipse porque Mário encarna mais claramente as noções de serviço, coletividade e de busca pelo povo. É o momento histórico que continua a determinar a reputação de cada um (MORSE, 2011: 26)⁴¹.

Talvez as declarações de Morse sobre Sérgio Buarque e Gilberto Freyre também possam ser entendidas dessa forma, ou seja, em determinado contexto histórico. As décadas de 1970 e de 1980 não foram particularmente favoráveis à abordagem de Freyre no Brasil. É plausível supor que parte da reação crítica a Morse tenha vindo de sua inclusão, de forma consciente ou inconsciente, entre os chamados iberistas, para distingui-los dos americanistas⁴². Morse teve ter percebido da mesma forma que os Estados Unidos dos anos 1980 podiam suportar a crítica de seu sistema e de suas instituições por um “estrangeiro interno”, o Brasil não estava preparado para uma versão renovada do pensamento de Freyre, ainda por cima proveniente de um gringo. Uma interpretação menos ortodoxa de Tocqueville nos Estados Unidos seria talvez correspondente, em certa medida, à adoção explícita das teses freyreanas no Brasil. Morse não explicitou nenhuma das duas, mas ambas estavam lá. Como no julgamento dos modernistas, o cerne da questão é saber quem é mais adequado ao momento histórico.

⁴¹ No original, “Who was the more important? Oswald if one seeks language that breaks with traditional mimesis, but Mário if one seeks language for a Brazilian view of the world. In time of existential trouble as in the late 1960s and early 1970s Oswald plays a more agglutinative role, finding a climate wherein to survive culturally. At a moment offering constructive socialist possibilities Oswald’s example suffers eclipse because Mário more clearly embodies the notions of service, collectivity, and search for the people. The historical moment continues to determine the reputation of each”. Em 1992 Morse publicou um importante texto comparando os Andradas do Sul com os nortistas Williams Carlos Williams e T. S. Eliot no qual deixava claro que as comparações não tinham qualquer relação com a posição política de nenhum deles: “o fato de Eliot ter sido conservador e Mário meio socialista não tem nada a ver, suas posições políticas são epifenômenos” (BOMENY, 1989; MORSE, 1990).

⁴² Há uma profícua literatura sobre esse tema, a meu ver, bem sintetizada em Vianna (1991). Meus próprios insights sobre a relação de Morse com o iberismo e o americanismo estão em Domingues (2011b).

Conclusão

A intenção deste ensaio foi mostrar como, complementarmente à referência nominal de Tocqueville na parte III de *O espelho*, o jurista francês já era um referencial importante nas interpretações comparativas de Morse entre a cultura política e urbana da América Latina e nos Estados Unidos no período colonial e no século XIX. Se o olhar de Morse sobre a América Latina, como o de Tocqueville sobre os Estados Unidos, era de fascínio por um mundo que oferecia algo que o seu próprio já perdera, nenhum dos dois o fez de forma acrítica. O interesse de ambos era compreender e, com isso, quem sabe, abrir os olhos de alguns conterrâneos para outras possibilidades civilizacionais. A interpretação morsiana da América colonizada por portugueses e espanhóis vale-se de autores do mundo clássico, medieval, ibérico e anglo-saxão (com seus desdobramentos americanos), utilizando com imaginação categorias teóricas geradas no centro e na periferia para compreender a ambos. Mas não ficou por aí.

Nos fragmentos escritos sobre a história de seu país, Morse fez especulações audaciosas, para nos valermos de uma expressão de Karl Popper, buscando inclusive tentar compreender alguns aspectos dele com categorias que considerava apropriadas para a América Ibérica, ou aí geradas. O resultado foi uma reabilitação de autores esquecidos ou em desuso em seu próprio país porque remavam contra a corrente, ou seja, tentou fazer renascer tradições nos Estados Unidos. Assumi então, conscientemente ou não, uma das tarefas intelectuais mais desafiadoras segundo Carpeaux: estudar tradições que estavam esquecidas há muito tempo e com isso tentar repensar outras estabelecidas. Isso requeria, segundo Carpeaux, “desfazer, a cada passo, as falsas tradições, as ‘tradições sobre as tradições’ que abram o caminho para a compreensão” (CARPEAUX, 1943:397).

A compreensão da tradição norte-americana seria “sobremaneira dificultada pela lenda tradicional dos ‘pilgrim-fathers’ que – diz-se – salvaram a liberdade inglesa levando-a para a América” (CARPEAUX, 1943:398). Essa “lenda” expressa, para Carpeaux, um conceito estático de história, abstraindo as forças dialéticas na evolução do pensamento filosófico e político norte-americano. Os exemplos extraídos dos poucos parágrafos dedicados por Morse a seu país nos escritos da juventude e na terceira parte de *O espelho* certamente contribuem para mostrar uma história dinâmica e contraditória, que, apesar das permanências, acentua importantes diferenças entre o “papa puritano Cotton Mather”, os livre-pensadores do século XVIII (Franklin, Jefferson, Paine) e alguns críticos dos rumos da modernização do país nos séculos XIX e XX

(Tocqueville, Lincoln Steffens e ele mesmo). Em cada um dos casos parecia seguir, mesmo que vagamente, a visão de Carpeaux de considerá-los todos americanos e, portanto, em maior ou menor medida, herdeiros do barroco⁴³.

Um aspecto paradoxal da comparação de Morse entre sociedades “desenvolvidas” e “atrasadas” é o fato de uma sociedade hiper-racionalizada, individualista e supostamente pluralista como a sua ser composta de cidadãos tão “inocentes” quanto se trata de separar a peça encenada no palco da audiência. Os norte-americanos, ele costumava dizer, acreditam piamente no teatro da política e na decantada liberdade proporcionada por suas instituições democráticas (senão perfeitas, as melhores existentes). Já na “atrasada” América Latina e no Brasil mesmo um iletrado saberia distinguir o teatro, a peça encenada, da “realidade”: sua vida cotidiana e o não funcionamento das instituições.

Esse contraste, caricato em certa medida, era uma metáfora da qual gostava de se valer para distinguir o que denominava opressão externa, sem dúvida encontrada nas ditaduras e regimes autoritários da Ibéria e da Ibero-América, da interna, incorporada credulamente “pelos cidadãos da pluralista democracia norte-americana”. Se assumiu, como Tocqueville e outros autores polêmicos elogiados por ele, os riscos de parecer conservador ao explicitar sua “preferência” – ou talvez um menor temor – pela a dominação externa do que pela interna, deve ter sido porque essa sim seria paralisante e um impedimento ao processo de liberação da consciência ao qual ele se refere em praticamente todos os ensaios, entrevistas e conversas informais das quais participei⁴⁴. Os indivíduos que acreditam plenamente na peça teatral a que assistem não têm distância suficiente sequer para distinguir-se dela. Os latino-americanos na década de 1970, apesar de suas ditaduras e coronéis, ou talvez precisamente por causa deles, estariam mais capacitados para distinguir, até porque a opressão era externa. Se por um lado essas colocações são datadas, por outro são ainda pertinentes para nós quem sabe no sentido do alerta que ele quis então dar aos Estados Unidos. Vinte e cinco anos depois da publicação de *O espelho de Próspero* no Brasil, parece-me oportuno para nós nos olharmos no espelho para que a emergência de uma democracia moderna não nos deixe esquecer o alerta desse americano intranquilo sobre os riscos de uma identificação mais ou menos integral com a peça em cartaz.

⁴³ A abordagem da América como um continente com características em comum, apesar das enormes diferenças, é a tese central de uma das primeiras publicações de Morse (1950).

⁴⁴ Esse é o tema central de um de seus primeiros ensaios: “The Modern Scholar and the Americas”, de 1950.

Quando Helena Bomeny lhe perguntou, em 1989, se o Brasil estava protegido da doença que ele detectava nos prósperos Estados Unidos, ele não titubeou em responder negativamente, acrescentando que tampouco os Estados Unidos estavam totalmente enfermos.

Não, o Brasil está muito exposto a isso. Talvez tenha algumas terapias próprias, algumas resistências próprias, ou talvez um pouco mais disponibilidade, tanto de alunos quanto de professores propensos a alentar visões um pouco mais sinópticas da coisa. Da mesma forma isso existe também em certa medida nos Estados Unidos (BOMENY, 1989).

Em suma, nem Caliban estava completamente vacinado, nem Próspero irremediavelmente intoxicado.

Referências

- BARBOZA FILHO, Rubem
(2010) "A tradição perdida: Morse, Carpeaux e o barroco" In: DOMINGUES, Beatriz H. & BLASENHEIM, Peter L (org.). *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 207-239.
- BOMENY, Helena (org.)
(1992) *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: FGV- CPDOC.
- BOMENY, Helena
(1989) "Entrevista com Richard Morse". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 77-93.
- BORGES, Dain & COHEN, Thomas (org)
(1995) *Luso-Brazilian review. Culture and ideology in the Americas: Essays in honor of Richard M. Morse*. Vol. 32, n 2 (Winter).
- CAMPOS, Haroldo
(1992) "Richard Morse: um anglo-americano no trópico (entrópico)". In: BOMENY, Helena (org.). *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, p. 34-57.
- CARPEAUX, Otto Maria
(1943) "Tradições americanas". In: _____. *Origens e fins. Ensaios*. Rio de Janeiro: CEB Editora, p. 379-399.
- CARVALHO, José Murilo
(1998) *Pontos e bordados. Escritos de História e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 402-404.
- DOMINGUES, Beatriz
(2011a) "O país do futuro: Contrariando muitas teorias, Richard Morse acreditava que as grandes nações do século XXI seriam os países de colonização ibérica". *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, julho, p. 76-79.
- (2011b) "Tradição e mudança na América hispânica e no Brasil. Uma abordagem comparativa das formulações de Luis Werneck Vianna e de Richard Morse". In: FILHO, Rubem Barboza & PERLATO, Luis Fernando. *Uma sociologia indignada. Diálogos com Luis Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, p.133-147.
- (2010) "Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o Modernismo brasileiro". In: DOMINGUES, Beatriz H & BLASENHEIM, Peter L (org.). *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 77-97.
- DOMINGUES, Beatriz H & BLASENHEIM, Peter L (org.)
(2010) *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- DORE, R. P.
(1964) "Latin America and Japan compared". In: JOHNSON, John J. *Continuity and Change in Latin America*. Stanford: Stanford University Press, p. 227-249.
- DOSTOIEVSKI, Fyodor
(2008) [1864]. *Winter notes on Summer Impressions*. Great Britan, Oneworld Classics Limited.
- HOLANDA, Sérgio Buarque
(1936) *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- HUIZINGA, Johan
(1972) *America. A Dutch Historian Vision, from afar and near*. New York, Evanston, San Francisco, London: Harper & Row Publishers.
- LINS E SILVA, Carlos Eduardo
(1988) "Entrevista com Richard Morse (com participação de Matthew Shirts). FSP 05/03/1988". In: MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: Cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, D 1-2.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom
(1990) *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella.
- MONTEIRO, Pedro Meira
(2010) "As raízes do Brasil em *O espelho de Próspero*". In: DOMINGUES, Beatriz H & BLASENHEIM, Peter L (org.). *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 169-206.
- MORSE, Richard
(2011) [1995] "O multiverso na busca pela identidade na América Latina desde 1920 até 1970". In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina. Vol. VIII. A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade*. São Paulo: EDUSP, p. 19-160.
- (1995) "Prefácio". In: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A vocação do prazer*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995, p. 1-5.
- (1990a) *A volta de McLuhanaíma. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1990b) "Quatro poetas americanos: uma cama de gatos". In: _____. *A volta de McLuhanaíma, Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 89-131.
- (1989) "A miopia de Schwartzman". *Novos Estudos Cebrap*, n. 24, jul, p. 166-178
- (1988) *O espelho de Próspero: Cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1984) "'Peripheral' Cities as Cultural Arenas (Russia, Austria, Latin America)". *Journal of Urban History*, 10: 4 (Aug.), p.423-452.
- (1983) "Brazilianists, God Bless Them! What in the world is to be done?" *Occasional Papers on Latin America Studies*. Stanford: Berkeley, winter, nº.5, p. 219-231.
- (1972) "A Prolegomenon to Latin American Urban History". *The Hispanic American Historical Review*, v. 52, n. 3, aug., p. 359-394.
- (1970a) *Formação histórica de São Paulo: da comunidade à metrópole*. Rio de Janeiro: Difel.
- (1970) "The Multiverse of Latin American Identity, c. 1920-c. 1970". In: BETHELL, Leslie. *The Cambridge History of Latin America, volume XI – Bibliographical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1963) "The Anthropologist as Policy Consultant". *Economic Development and Cultural Change*. The Chicago University Press, v. 11, n. 2, p. 190-195.
- (1962) "Some Characteristics of Latin American Urban History". *American Historical Review* v. 67, n. 2, jan., p. 317-338.
- (1958) *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: University of Florida Press.
- (1954a) *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais.
- (1954b) "São Paulo since Independence: A cultural interpretation". *The Hispanic American Historical Review*, v. 34, n. 4, nov., p. 419-444.

(1954c) "Toward a theory of Spanish American Government". *Journal of the History of Ideas*, v. 15, n. 1, p. 71-93.

(1950) "The Modern Scholar and the Americas". *Political Science Quarterly*, vol. 4, Dec., p. 522-537.

(1949) "Ingleses no Brasil: aspectos da influência Britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. by Gilberto Freyre." *The Hispanic American Historical Review*, vol. 29, n. 4, (Nov.), p. 609-611.

RAMA, Angel

(1980) *A cidade letrada*. São Paulo: Brasiliense.

SCHLESINGER, JR, Arthur

(1992) *Os ciclos da História Americana*. RJ: Civilização Brasileira.

SCHWARTZMAN, Simon

(1998) "Resenha de Richard M. Morse, *O Espelho de Próspero*". *Novos Estudos CEBRAP*, 22, outubro, p. 185-192.

TOCQUEVILLE, Alexis

(1979) *A democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia.

VIANNA, Luiz Werneck

(1991) "Americanistas e Iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos", publicada em *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 34, n 2, p. 145-189.

WEBER, Max

(1978) *Economy and Society*, 2 vols. Berkeley: University of California Press.

Recebido em

fevereiro de 2013

Aprovado em

julho de 2013